

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL
DO ESPAÇO:
DE VOLTA ÀS ALDEIAS
CIRCULARES
DO BRASIL CENTRAL***

CRISTIANA BARRETO**

Resumo: *este trabalho revisa algumas idéias sobre os significados da organização espacial das aldeias circulares do Brasil Central e usos de pátios centrais enquanto espaços públicos. Esta revisão se dá à luz de novos dados sobre a arqueologia de aldeias circulares na Amazônia Central e as propostas advindas de pesquisas etnoarqueológicas em aldeias circulares do Alto Xingu.*

Palavras-chave: *Aldeias circulares. Arqueologia do Brasil Central. Espaços rituais. Cosmologias ameríndias.*

A ARQUEOLOGIA DAS ALDEIAS CERAMISTAS DO BRASIL CENTRAL

Desde as primeiras pesquisas arqueológicas de Wüst em Goiás e Mato Grosso no início da década de 1980, a arqueologia das aldeias do Brasil Central avançou muito ao longo da década seguinte. Os resultados das pesquisas regionais acadêmicas de Wüst (1983, 1990), Robrahn-Gonzalez (1996) e outros permitiram que balanços importantes fossem feitos no final da década de 1990 (WÜST, BARRETO, 1999; OLIVEIRA, VIANA, 1999-2000).

Foi basicamente ao longo destas duas décadas (de 1983 a 1999) que se construiu o cenário de ocupação pré-colonial mais recente para a região, onde se delineiam as

* Recebido em: 08.01.2011.

Aprovado em: 09.02.2011.

duas grandes tradições ceramistas que abarcam o grande número de aldeias circulares que surgiram na região a partir do século VIII de nossa era: a Tradição Aratu (mais antiga, que ocupa o centro-sul de Goiás e se estende para o leste, atravessando o vale do rio São Francisco) e a Tradição Uru (no Mato-Grosso, se estendendo em direção ao vale do rio Madeira).

Entre estas duas tradições ceramistas, um modo de vida em grandes aldeias circulares ou semicirculares parece ter se cristalizado desde o período pré-colonial, resistido aos tempos históricos e perdurado até hoje. São aldeias cujas casas são construídas ao longo de eixos circulares, em geral com um espaçamento extremamente regular entre as casas, e uma correspondência bastante precisa entre o plano espacial da aldeia (grupos de casas e eixos longitudinais de acordo com os pontos cardeais) e a organização social destas sociedades, a aldeia se configurando assim em um verdadeiro mapa das divisões sociais e regras de casamento e residência.

Não é clara a relação de outras tradições ceramistas presentes na região com este modo de vida em aldeias circulares. Os assentamentos da Tradição Tupiguarani não seguem um modelo espacial específico, e parece se misturar em quase toda a região em sítios multicomponenciais. A Tradição Inciso-Ponteadá, é restrita Alto Xingu, e parece estar intimamente ligada a padrões amazônicos das antigas aldeias dos povos falantes de línguas do tronco proto-Arawak (HECKENBERGER, 1998).

Muitas questões relativas à correspondência das duas tradições ceramistas a padrões de ordem territorial, adaptativa e cultural foram exploradas, como a fronteira cultural no interflúvio Araguaia-Tocantins, os diferentes sistemas de subsistência agrícola (milheiros de um lado e mandioqueiros de outro), a expansão destas populações em dois tempos (primeiro Aratu e depois Uru), e suas relações com outras tradições cerâmicas, mais antigas como a Una, e contemporâneas como a Tupiguarani.

Algumas das características destas grandes aldeias nos serviram para discutir aspectos de padrão de assentamento, notadamente a escala dos assentamentos e uma possível hierarquização de sociedades, onde a variabilidade na dimensão das aldeias parecia estar relacionada ao status diferenciado de casas (com, por exemplo, acesso diferenciado a determinados materiais exóticos ou atividades de processamento de alimentos e confecção de cerâmica (WÜST, CARVALHO, 1996; VIANA, 1996; WÜST, BARRETO, 1999). Mas, esta variabilidade não era tão grande assim, por isso, falamos em “hierarquias instáveis (e talvez efêmeras) na organização dos assentamentos, relacionadas a arranjos e alianças regionais em uma dimensão mais horizontal do que nas clássicas hierarquias verticais com concentrações de poder” (WÜST; BARRETO, 1999, tradução minha)¹.

À época, evitamos propositalmente o uso do termo “heterarquia”, como ele vinha sendo usado na literatura arqueológica sobre cacicados (EHRENREICH et al., 1995), pois este pressupunha total ausência de ordenamento hierárquico dos sítios por ordem de grandeza e acesso a bens externos, o que não parecia se aplicar completamente às aldeias circulares do Brasil Central. Ao contrário, havia diferenciação em ordem de

grandeza e em relação ao acesso a bens externos, mas não sabíamos exatamente como isso se configurava em termos de chefia, liderança e poder entre as aldeias.

O foco das análises era na correspondência (ou não) entre formas de organização social – se mais ou menos complexas – e formas de distribuição espacial das casas. Estávamos então mais interessados nas casas e seus entornos, do que o que acontecia nos espaços públicos, nos pátios centrais; estávamos mais interessados em entender a organização social a partir das atividades domésticas, tecno-econômicas de subsistência, do que a partir dos espaços públicos e rituais.

Um problema era o fato de que as atividades rituais realizadas nos pátios centrais raramente deixam vestígios materiais e, portanto, não seriam passíveis de documentação e análise arqueológica – uma atitude bastante típica da “cultura” processualista na qual as pesquisas arqueológicas se desenvolveram no Brasil Central.

Esta discussão que procuramos resumir no artigo da *Latin American Antiquity* (WÜST e BARRETO, 1999) foi importante, pois questionou alguns modelos antigos para a ocupação indígena do Brasil Central (notadamente o de sociedades marginais, ou o de sociedades de caçadores-coletores nômades, que teriam se tornado agrícolas apenas tardiamente, conforme havia sido postulado desde o *Handbook of South American Indians* de Steward e Faron (1956, p.362).

Tinha também implicações que extrapolavam o Brasil Central, no sentido de apontar a possibilidade de grandes, densos e extensos sistemas de assentamentos, organizados em formas alternativas àquelas hierarquias verticais tipicamente conhecidas na Mesoamérica e nos Andes. Além disso, teríamos tais assentamentos ocorrendo em ambientes como o cerrado e a caatinga, com condições bem menos favoráveis para a agricultura e a fixação de grandes contingentes populacionais do que na Amazônia. Temos que recordar que estas eram as condições sinequanon então postuladas para o surgimento de sociedades complexas (como argumentaram tanto Meggers e Roosevelt, cada uma à sua maneira). As aldeias circulares do Brasil Central, com seus assentamentos em anéis de casas, às vezes duplos e até mesmo triplos, com populações estimadas em milhares de habitantes, eram a prova de que, na Amazônia, com recursos proteicos mais abundantes, como os peixes e tracajás, um clima anual mais estável, e os ricos solos de terra preta, teriam sido possíveis ocupações ainda mais densas e duradouras.

Metodologicamente, a vantagem das aldeias do Brasil Central em relação aos assentamentos até então conhecidos na Amazônia, era a possibilidade de se mapear com certa precisão o número e tamanho das casas e, conseqüentemente, estimar a população das antigas aldeias.

Na mesma linha de investigação, no Brasil Central, o passo seguinte teria sido entender em que medida a grande quantidade de aldeias registradas nos levantamentos regionais era resultante de frequentes realocamentos de aldeias, ou se seriam em grande parte contemporâneas, indicando então uma ocupação regional realmente muito mais densa do que previam os modelos anteriores de uma rala ocupação por grupos seminômades. Isto poderia ter sido verificado a partir de levantamentos do tipo “full coverage”

e, uma vez refinados os métodos de datação, com o mapeamento cronológico sistemático de todos os assentamentos encontrados em uma determinada unidade paisagística, como, por exemplo, um vale de rio.

Apesar da continuidade das pesquisas na área, até o momento, dados deste tipo não foram levantados, o que teria permitido uma avaliação mais precisa sobre a densidade populacional da região no passado e teria, sem dúvida, levado as aldeias do Brasil central para o centro do debate – hoje já não tão acalorado – sobre o desenvolvimento de sociedades complexas nas terras baixas da América do Sul. (ROOSEVELT, 1999; MEGGERS, 2001; HECKENBERGER *et al.*, 2001; DE BOER *et al.*, 2001; MEGGERS, 2003; HECKENBERGER *et al.*, 2003; GOMES, 2008).

Com isso, as aldeias circulares pré-coloniais do Brasil Central se tornam novamente marginais, agora mais por um abandono das pesquisas acadêmicas que aprofundem as questões sobre as formas pré-coloniais de organização social, do que propriamente pela projeção equivocada dos dados do presente ao passado, o que havia levado os autores do Handbook a interpretá-las como sociedades marginais nos anos 1950 (WÜST; BARRETO, 1999).

O que se viu nas décadas seguintes, é que enquanto na Amazônia o debate Meggers-Roosevelt levou a programas de pesquisas que tirassem à limpo questões propostas nos diferentes modelos, pouco se avançou no Brasil Central. Os dados obtidos por Heckenberger no alto Xingu (2005), por Schaan em Marajó (2004), por Gomes no Tapajós (2008) e, sobretudo, pelo Projeto Amazonia Central coordenado por Neves (2008) apontam para uma diversidade de formas de organização social entre os diferentes complexos cerâmicos identificados, onde as características dos assentamentos – sobretudo forma e tamanho – parecem constituir um indicador relevante desta diversidade. Incluem –se aí aldeias circulares; não só as do alto Xingu estudadas por Heckenberger (2005), mas sobretudo as da Amazônia Central, onde se pode identificar as unidades residenciais não só a partir das manchas de terra preta, mas também a partir de montículos artificiais (MACHADO, 2005; PORTOCARRERO, 2006; MORAES, 2010).

Enquanto isso, no Brasil Central, durante a última década, houve um abandono de pesquisas especificamente formuladas para a verificação de hipóteses sobre as questões relativas a organização social. Durante a última década, um grande volume de dados foi levantado em pesquisas arqueológicas voltadas para o licenciamento ambiental de empreendimentos variados na região. Estes dados vêm sendo encaixados em um arcabouço construído já há mais dez anos, sem questionar ou modificar seus principais alicerces. Entre 2005 e 2009, por exemplo, identificamos ao menos 65 relatórios de programas de prospecção e resgate arqueológico em áreas impactadas por UHEs, PCHs, linhas de transmissão e estradas de rodagem nos estados de Mato Grosso, Goiás, e Tocantins. Alguns poucos projetos grandes, tiveram seus resultados publicados (como por exemplo os apresentados em DeBlasis, 2002 e Martins, 2005). Contudo, este enorme volume de dados não mudou em nada o cenário já estabelecido pelas pesquisas acadêmicas das décadas passadas (VIANA; BARBOSA, 2007).

Portanto, se antes os dados advindo do Brasil Central puderam questionar o conhecimento arqueológico produzido na Amazônia, hoje, dez anos depois, pode-se fazer exatamente o contrário: utilizar os dados e conclusões de pesquisas em aldeias amazônicas, para se questionar o conhecimento produzido sobre as aldeias circulares do Brasil Central.

POR QUE A ALDEIA É REDONDA?

Muitas outras formas de aldeia são conhecidas nas terras baixas, mas a distribuição de unidades residenciais compostas por famílias extensas e construídas de forma mais ou menos equidistantes, quase sempre em metades e secções clânicas, é um traço único às sociedades que ocuparam e ainda ocupam o Brasil Central, quase todas falantes de línguas pertencentes ao tronco linguístico macro-Jê (Xerente, Xavante, Kayapó, Krahó, Bororo etc.).

Muito já se falou sobre a forma circular ou semicircular das aldeias do Brasil Central e a correspondência entre o plano da aldeia e as diferentes divisões sociais e regras de parentesco e residência que se sobrepõem ao plano da aldeia.

Pode-se dizer que quase todos os etnólogos associaram a forma circular da aldeia a uma solução espacial para acomodar uma organização social bastante complexa, com um número particularmente grande de instituições, regras e divisões sociais, regulamentadas por número igualmente grande de cerimônias e rituais.

Alguns poucos autores, como Lévi-Strauss (1952) viram na complexidade das regras sociais e sua espacialidade circular um resquício de tempos pré-coloniais em que estes assentamentos deveriam ter sido ainda maiores, com vários círculos concêntricos de casas, quando as aldeias teriam se assemelhado em forma e tamanho mais aos antigos assentamentos andinos, do que às atuais aldeias amazônicas.

As pesquisas arqueológicas confirmaram a existência de grandes aldeias, com mais de um círculo de casas; contudo a visão de Lévi-Strauss, de resquícios de uma grande civilização semelhante às andinas, não pode ser verificada. Ao contrário, não há nada neste espaço circular central, delimitado pelo círculo de casas, que indique mecanismos espaciais de controle, compartimentação hierárquica do espaço, ou ponto focal predominante, assim como nas plazas Chimu, ou Inca, ou mesmo nos templos rituais com praças menores, como em Chavin ou em Tihuanaco, por exemplo.

Do ponto de vista da proxêmica, esta forma espacial parece indicar igualdade e complementaridade entre as partes (casas, ou grupos de casas, ou metades opostas). A partir de uma casa, qualquer casa, pode-se ver todas as outras casas, assim como o pátio central e a casa dos homens, quando existente. Nas aldeias completamente circulares, como as aldeias Bororo ou Krahó, por exemplo, a visão que se tem da aldeia a partir de uma casa é extremamente semelhante à visão que se tem a partir de qualquer outra casa da aldeia.

a aldeia circular, constituída de casas que mantêm, não apenas a mesma distância entre si, mas também a mesma distância do centro da aldeia (da esfera política e jurídica) denota claramente que esta é uma sociedade igualitária e que os diversos grupos que a compõem mantêm entre si uma relação de complementaridade nas suas diferenças.

Para Melatti (1974, p. 5):

a forma circular da aldeia, com as casas nas suas bordas e um pátio no seu centro, talvez seja a forma mais econômica de representar espacialmente várias oposições cujos elementos nem sempre ocupam uma posição de igualdade, pelo menos simbolicamente.

Segundo ele, entre os Krahó existem mais de 40 ritos em que trocas são realizadas entre indivíduos de sexos opostos pertencentes a grupos domésticos diferentes, ou pares representando as metades opostas. São ritos que reforçam a amizade entre membros de diferentes grupos domésticos, entre homens e mulheres, entre parentes por afinidade e entre aldeias inimigas. A oposição periferia/centro ou casas/pátio, separa assim as mulheres, que são excluídas das decisões políticas; os mortos, outrora enterrados junto às casas; e os inimigos externos, daqueles que realmente compõem os habitantes da aldeia em sua plenitude.

Neste sentido, Hamberguer vê as formas circulares das aldeias do Brasil Central como a solução mais harmonizante para se resolver possíveis conflitos entre as regras de parentesco e residenciais. Para que seja possível viver com consanguíneos e casar-se com vizinhos, e como o casamento acarreta igualmente uma forma de co-residência, existe um conflito latente entre a co-residência de consangüíneos e a co-residência de esposos (HAMBERGUER, 2005).

Além disso, como a rede de parentesco é costurada pelo deslocamento de indivíduos entre grupos, todo o princípio de recrutamento que não preveja a integração dos indivíduos circulantes em seus grupos de destino acarreta um conflito em potencial.

As aldeias circulares e a divisão em metades aprofundam a separação entre o espaço central (virilocal) e espaço periférico (uxorilocal) e a multiplicação das alianças matrimoniais entre os dois regimes de residência, gerindo o conflito entre esses dois regimes. Entre as estratégias espaciais para remediar a desarmonia, está o fato de que a disposição circular das casas minimiza a comunicação entre elas, com o número de vizinhos sempre restrito a apenas dois.

Em resumo, a estrutura circular, com metades exogâmicas promovem estabilidade: uma relativa igualdade social entre as diferentes unidades domésticas espelhada na forma eqüidistante que as casas teriam em relação ao centro de tomada de decisões políticas (no pátio ou casa dos homens); redução de conflitos internos e aumento da coesão. Ao mesmo tempo em que facilita a integração de indivíduos externos à aldeia, minimiza os conflitos internos. A estrutura circular baseada na igualdade e complementaridade asseguraria assim esta função de integrar e apaziguar.

Contrariamente a estas posições, etnografias mais recentes propõem que vários níveis de hierarquia social estejam na verdade latentes na forma tradicional em que as aldeias são espacialmente organizadas no Brasil Central, vendo o pátio central como uma arena de controle político dos chefes e de outras elites e lideranças. De acordo com esta nova etnografia, diferenças hierárquicas estariam na essência do ethos “Brasil Central” (CROCKER, 1985; HECKENBERGER, 1998; IRELAND, 1996; TURNER, 1992; WERNER, 1981, 1982).

De acordo com Heckenberger (2007), a hierarquia social está sempre relacionada à distribuição espacial dos lugares onde as pessoas caminham, conversam, sentam, dormem ou comem. Como as pessoas, nem todas as casas são construídas do mesmo modo: algumas são maiores e mais bem acabadas. As casas pertencentes às famílias mais “nobres”, pertencentes aos chefes de aldeia, são tipicamente maiores e melhores. Elas também estão posicionadas em lugares estratégicos ao longo do círculo doméstico, em relação aos pontos cardeais que orientam as atividades da praça central e os caminhos de acesso à aldeia e às casas.

Alguns destes autores chegam a estender este modelo também para a Amazônia e associam este modelo de assentamento circular à expansão de povos falantes de línguas do tronco proto-Arawak, com estruturas sociais bastante hierarquizadas, sobretudo quando comparados aos de outras matrizes culturais.

A nosso ver, esta dicotomia presente na etnologia do Brasil Central, entre uma visão de sociedades relativamente igualitárias com uma organização voltada para a minimização de conflitos e a integração e coesão dos indivíduos, na linha do que já postulava Pierre Clastres em sua obra maior *A Sociedade Contra o Estado* (CLASTRES, 1974); e outra em que se propõe que aldeias com praças circulares sejam um marco identitário de sociedades mais hierarquizadas, com elites hereditárias, onde o pátio central e rituais nele realizados têm a função primordial de sacralizar o poder dos chefes e reatualizar hierarquias, poderá apenas ser resolvida a partir de pesquisas diacrônicas, que expliquem o surgimento deste padrão espacial e o processo que levou a sua solidificação na região.

O PROJETO TOMBADOR

Foi com esta convicção em mente que, há pouco mais de dez anos atrás, procurei responder à esta questão com um projeto de pesquisa que buscava entender como estas aldeias surgiram no Brasil Central em primeiro lugar. A idéia era buscar o processo de origem destas aldeias, para entender como e por que, a partir do ano 800 da era Cristã, este formato de aldeia acabou se difundindo e se cristalizando por todo o Brasil Central.

Inicialmente, as poucas hipóteses disponíveis para as origens destas grandes aldeias no Brasil Central remetiam a grandes levas migratórias de populações amazônicas que teriam trazido consigo este novo padrão de assentamento e subsistência. Contudo, não somente as aldeias circulares ainda eram desconhecidas em território amazônico, como os exemplos históricos e etnográficos disponíveis associavam o padrão de aldeia circular a cosmologias típicas de populações falantes de línguas Bororo e Jê, tão inti-

mamente associados aos ambientes do planalto central, e que nada tinham a ver com o universo das várzeas e florestas amazônicas.

Assim, desenhamos um projeto em que a perspectiva era a de entender o processo de formação de aldeias circulares no âmbito local, isto é dentro de um universo de processos de mudanças mais ou menos conhecidos na cronologia da pré-história do Brasil Central, definidos dentro de uma sequência que vai do fim de uma tradição de grupos caçadores coletores (conhecida como Itaparica), passa pelo o início de populações ceramistas seminômades (definida como tradição Una) que ocupa ainda abrigos rochosos por volta 400 a 600 AD, e que é substituída pelas tradições ceramistas com grandes aldeias circulares (conhecidas como Uru e Aratu) por volta do século IX.

Para tal projeto, foram coletados dados em uma área de pesquisa no coração do Brasil Central, no vale do Rio São Lourenço, em pleno território tradicional dos Bororo ocidentais. Para esta área, um quadro regional do padrão de assentamento pré-colonial e uma extensa cronologia já haviam sido propostos pela a arqueóloga Irmhild Wüst, como resultado de suas pesquisas na área ao longo de décadas (WÜST, 1990; WÜST, BARRETO, 1999). Isso permitiu com que pudéssemos isolar sítios particularmente adequados para investigar as questões mais específicas sobre a origem das aldeias circulares, e coletar dados em sítios ocupados em um período muito preciso, que corresponde a antes, durante e logo após a formação das mais antigas aldeias circulares da área.

A hipótese inicial era de que as aldeias circulares estariam relacionadas ao início de uma ocupação mais sedentária, talvez proporcionada pela introdução das práticas de cultivo e processamento da mandioca. Estas novas práticas poderiam ter sido adotadas gradativamente por grupos locais, previamente forrageiros, menores e seminômades, representados pela cerâmica mais antiga da região a partir de 2.000 anos AP, e encontrada na área apenas em pequenos sítios a céu aberto ou em abrigos rochosos, como a cerâmica da Tradição Una (ROBRAHN-GONZALEZ, 1996).

Assim, as aldeias circulares seriam o resultado da fusão de um modo de organização social mais igualitário, composto por pequenas comunidades locais, mas que teria incorporado tecnologias de grupos amazônicos, o que teria lhes permitido uma maior sedentarização. O arranjo circular teria sido uma maneira de integrar populações maiores, mantendo a estrutura social mais igualitária destas comunidades. Uma vez a agricultura tenha sido adotada de forma mais permanente, comunidades maiores, integradas em aldeias com mais casas e, portanto, com mais roças, também teria sido bastante vantajoso, visto que no Brasil Central é sempre grande o risco de perda da colheita durante as longas estações de seca.

Em outras palavras, os assentamentos circulares teriam sido uma solução local para minimizar conflitos, maximizar a produção agrícola, e integrar populações maiores em uma estrutura social relativamente igualitária.

Para testar esta hipótese, foram selecionados três sítios arqueológicos em um mesmo vale de rio, o Tombador (afluente do Rio Vermelho, município de Jarudore, MT), e relativamente próximos e visíveis entre si, em uma área de ocupação tradicional Bororo, onde parecia haver uma sequência ocupacional que ia do pré-cerâmico, para a cerâmica

Una, para a cerâmica Uru em grandes aldeias circulares, até a cerâmica Bororo, todos em área já previamente prospectada em projetos anteriores. Os sítios escolhidos cobriam assim o período anterior ao surgimento das aldeias circulares e uma das aldeias circulares mais antigas conhecidas na área.

O primeiro sítio escavado pareceu de certa forma confirmar esta transição gradual. No abrigo Morro da Janela (MT-SL-31), verificamos a longa seqüência ocupacional da área, desde o pré-cerâmico, até as ocupações Bororo. Cerâmicas da Tradição Uru, associada às grandes aldeias circulares da área apareceram nos níveis finais da primeira ocupação ceramista, concomitante à Tradição Una, para em níveis superiores ocorrer de forma exclusiva ou em associação à cerâmica da Tradição Tupiguarani.

O segundo sítio escavado (Tombador, MT-SL-37), é um sítio lito-cerâmico antigo e pequeno, que parece ter sido um acampamento a céu aberto para a exploração de matérias primas líticas à beira do Rio Tombador; sua datação mostrou que o local já era utilizado pelos mais antigos ceramistas da região, com uma cerâmica semelhante à cerâmica Una, provavelmente de tradição local, também encontrada nos abrigos da área. O assentamento apesar de bastante denso e duradouro não apresentou qualquer configuração circular, mesmo sendo posteriormente ocupado por ceramistas das grandes aldeias circulares da tradição Uru.

O terceiro sítio escavado é uma das aldeias circulares com cerâmica da Tradição Uru mais antigas entre as conhecidas neste vale, o sítio Cemitério Troalhe (MT-SL-43), datado do século X da era Cristá. No abrigo Morro da Janela, o registro mais antigo desta cerâmica se dá apenas um pouco antes, por volta do século IX. Esta aldeia apresentou dimensões relativamente grandes, para uma aldeia antiga, uma alta densidade cerâmica, com formas típicas para a Tradição Uru, incluindo os grandes assadores para a farinha de mandioca, conforme descritos em Schmitz e Barbosa (1985). As datas para cada sítio estão resumidas na Tabela 1, assim como a presença dos complexos cerâmicos em cada sítio.

Tabela 1: Sítios Pesquisados no Projeto Tombador (Datas não calibradas).

SÍTIOS Complexos Cerâmicos	Abrigo Morro da Janela MT-SL-31	Acampamento a céu aberto Tombador MT-SL-37	Aldeia circular Cemitério Troalhe MT-SL-43
BORORO	X		
URU	AD 860 ± 75 (JRA N-5115)	X	AD 1050 ± 60 (Beta -27429)
UNA	AD 270 ± 50 (Beta-81651)		
PRÉ-UNA ?	320 ± a.C. (Beta-81650)	570 ± 70 a.C. (Beta-27428)	
PRÉ-CERÂMICO	8.080 ± 80 a.C. (Beta-78053)		

Ao contrário do primeiro sítio escavado, os seguintes não comprovaram a hipótese de um processo gradual de aquisição de novas tecnologias por comunidades locais. Em vez disso, o que se verificou foi a substituição de um complexo cerâmico por outro, de um padrão de assentamento por outro. As aldeias circulares aparecem repentinamente, já bastante grandes e com a totalidade do material cerâmico pertencente à Tradição Uru. Não parece ter ocorrido um processo de absorção gradual de tecnologias e tampouco uma reconfiguração espacial dos pequenos assentamentos de grupos seminômades locais, para pequenas aldeias circulares antes do aparecimento das grandes aldeias circulares.

O aparecimento de grandes aldeias circulares como a introdução de um pacote cultural “pronto” pode se dever ao fato de que, neste pequeno vale em particular, a transição tenha se dado de forma abrupta e não reflita o processo regional mais amplo como um todo. No entanto, o que os resultados deste projeto também apontam, é que o surgimento de aldeias circulares no Brasil Central talvez não esteja relacionado a processos adaptativos de aquisição de novas tecnologias, mas sim a processos de construção de paisagens sociais de acordo com a expansão de determinadas cosmologias ameríndias amazônicas.

Já na Amazônia Central, as aldeias circulares parecem sim ter passado por um processo gradual de implantação de estruturas circulares, para em um segundo momento serem expandidas ao longo de um círculo maior. Lá, a aldeia circular mais antiga, o sítio Osvaldo, junto ao lago do Limão, no município de Iranduba (AM), surge ainda em período que corresponde às mais antigas ocupações ceramistas, à fase Manacapuru, entre os séculos IV e IX da era Cristã (PORTOCARRERO, 2006). Outros três sítios circulares no mesmo município, Antonio Gallo, Lago do Limão e Pilão, estes dois últimos inicomponenciais, apresentam cerâmica da fase seguinte, a fase Paredão, datada entre os séculos VII e XII DC e o primeiro perdura até a fase mais recente, Guarita, que se inicia por volta do século IX na região. Estes sítios, estudados por Moraes em sua dissertação de mestrado (MORAES, 2006), quando analisados diacronicamente podem nos ajudar a entender a origem do padrão circular. Ao longo da ocupação destes sítios, além das mudanças tecnoestilísticas da cerâmica, surgem também os montículos, pequenas elevações artificiais de terra, que conformam várias estruturas, inclusive o círculo de habitações que formam uma praça. Dois momentos distintos de construção dos montículos foram interpretados como uma expansão no tamanho das aldeias.

O mais interessante nas aldeias circulares da Amazônia Central é o fato de que os montículos apresentam diferentes dimensões, formatos e elevações (MORAES, 2010), diferindo, portanto, do padrão circular do Brasil Central, em que as habitações permanecem literalmente em “pé de igualdade” em relação à praça central e aos vizinhos. Assim sendo, o surgimento e desenvolvimento deste tipo de aldeias na Amazônia Central não parece responder às mesmas necessidades de integração igualitária e complementaridade. Ao contrário, aqui os elementos espaciais apontam mais para uma diferenciação entre as estruturas residenciais, além de outras construções, tais quais valas e diques que indicam necessidades defensivas.

Os dados etnoarqueológicos provenientes de pesquisas no Alto Xingu por Heckenberger (2005) parecem apontar não só para aldeias circulares antigas e maiores, mas também para uma rede de aldeias interligadas por estradas e caminhos que de certa forma replicam em maior escala a estrutura circular da aldeia. Heckenberger propõe que esta rede de aldeias, diferenciadas entre aldeias satélites e principais, replica também uma lógica espacial de hierarquia entre as casas de uma aldeia circular (HECKENBERGER, 2005, p.125-33).

Segundo este pesquisador, a hierarquia social está sempre relacionada à distribuição espacial dos lugares onde as pessoas caminham, conversam, sentam, dormem ou comem. Como as pessoas, nem todas as casas são construídas do mesmo modo: algumas são maiores e mais bem acabadas. As casas pertencentes às famílias mais “nobres”, pertencentes aos chefes de aldeia, são tipicamente maiores e melhores. Elas também estão posicionadas em lugares estratégicos ao longo do círculo doméstico, em relação aos pontos cardeais que orientam a praça central e os caminhos.

Se existe uma relação histórica entre as aldeias circulares da Amazônia Central, as do Alto Xingu e as do Brasil Central em geral, resta a ser verificado. As cronologias regionais seriam compatíveis com uma expansão deste tipo de padrão de assentamento a partir da Amazônia Central, uma vez que elas começam a surgir no planalto central somente a partir do século IX, exatamente quando parece haver uma grande ruptura na Amazônia Central com a passagem dos grandes e densos assentamentos da fase Paredão, para a fase Guarita, com assentamentos mais reduzidos.

Neste sentido, poderíamos pensar o Brasil Central como a grande válvula de escape para as densas populações relacionadas aos assentamentos da fase Paredão na Amazônia Central e outras fases correlatas em outras partes da Amazônia. Se forem confirmadas as hipóteses de que estas populações foram deslocadas de seus territórios por outras relacionadas à expansão de povos falantes de línguas Tupi (MORAES, 2010), é possível que a subida dos afluentes da margem sul do Amazonas tivessem proporcionado a estes povos deslocados o acesso e a rápida ocupação do Planalto Central. Ali, novas configurações culturais, talvez absorvendo as ralas populações já existentes, tenham dado lugar às aldeias circulares do Brasil Central.

Várias perguntas permanecem ainda sem respostas. Qual a relação das aldeias xinguanas com estes dois pólos, Amazônia Central e Brasil Central? Seriam as aldeias do Alto Xingu, organizadas nas redes denominadas por Heckenberger de *galactic polities*, uma variação regional deste processo em que tendências hierárquicas já presentes na Amazônia teriam se exacerbado ao longo do tempo?

DAS CASAS ÀS PRAÇAS; DAS ALDEIAS ÀS COSMOLOGIAS

Além dos novos dados advindos de pesquisas da Amazônia Central e do Alto Xingu, há também uma mudança de perspectiva teórica, sobretudo, em como entender os complexos culturais indicados pelas fases e tradições ceramistas.

Por exemplo, o estudo de padrões de assentamento nas terras baixas mudou bastante: agora, em vez de identificarmos complexos culturais a partir de como se deu a ocupação da área e das estratégias de assentamento enquanto um processo de adaptação às condições socioambientais locais, agora as assinaturas culturais são vistas nas diferentes formas de apropriação e construção da paisagem; o foco foi deslocado dos problemas adaptativos para problemas cognitivos; importa menos como os condicionantes ambientais proporcionaram determinados tipos de assentamentos – aldeia de forma circular, por exemplo – e mais como os assentamentos são concebidos de acordo com uma cosmovisão e uma determinada leitura dos diferentes elementos da paisagem.

Além disso, graças a uma preocupação maior dos etnólogos em documentar as coisas materiais e relações espaciais, estamos bem mais conscientes das implicações cognitivas e simbólicas destes processos de construção e percepção da paisagem; procuramos entender o sentido/significado da paisagem construída (incluindo as casas de uma aldeia, o pátio central, os caminhos e as roças) não só a partir das atividades que ocorreram nestes espaços, mas também de como eles são percebidos, e o que eles mobilizam na vida cotidiana e ritual das pessoas.

Ou seja, há uma mudança de abordagem entre o que os espaços significam, para como estes espaços significam e, portanto, entender o porquê das formas circulares das aldeias do planalto central vai além das estratégias adaptativas de assentamento e requer agora uma arqueologia da percepção destes espaços enquanto espaços construídos e compartilhados dentro de uma dinâmica particular, para que determinados modelos de sociabilidade se reproduzam e se atualizem.

Esta arqueologia mais preocupada com a agência dos espaços vem sendo feita já há algum tempo, em áreas onde tradicionalmente são feitos estudos da arquitetura pública onde construções tais quais templos e monumentos servem como um mapa das relações sociais e políticas de uma sociedade.

Estudos de arquitetura pública vêm sendo realizados já há algum tempo tanto na Mesoamérica como nos Andes, na linha dos projetos que estudam padrões de assentamentos desde a década de 1970. Um bom exemplo é a análise que Richard Blanton e colegas fazem da arquitetura pública ao longo da sequência de ocupações no vale de Oaxaca, no México. Um modelo construído para correlacionar os níveis hierárquicos de assentamentos e os atributos específicos das edificações, isto é, a capacidade comunicativa, interativa e organizadora da arquitetura, ao mesmo tempo como produto e agente das relações sociais (BLANTON *et al.*, 1999) .

Outra abordagem interessante é a análise proximística dos espaços públicos construídos, na linha do que Jerry Moore (1996) define como uma nova maneira de se analisar a arquitetura pública, isto é, não mais como um produto passivo, um reflexo ou índice dos níveis de complexidade e interação social de uma ou outra determinada sociedade, mas na sua capacidade de agente na reprodução ou mudança dos padrões de sociabilidade e poder de uma ou outra determinada sociedade. *Rather than wonder if a*

particular society was a chiefdom or state, I am interested in the varying modes of political process which produced and were reproduced by public architecture (MOORE, 1996, p. 3).

Dependendo de como os espaços são concebidos e construídos eles podem agregar ou isolar pessoas, compartimentá-las em grupos, hierarquizá-las ou colocá-las em pé de igualdade. Mas esta agência dos espaços construídos depende diretamente de como eles são percebidos por seus usuários, de seus sentidos visuais, auditivos e outros e, sobretudo, de processos cognitivos de reconhecimento e compreensão de uma determinada linguagem espacial.

Assim, a variabilidade no tamanho ou escala da praça central, por exemplo, afeta diretamente a percepção do que e quem está nela, e das atividades ali realizadas, pois a distância altera a visibilidade, a audição e a percepção de toda linguagem gestual e corporal.

Esta abordagem faz com que possamos repensar os espaços públicos das aldeias do Brasil Central, em particular seus pátios internos, como espaços construídos para comunicar aquilo que Victor Turner, definindo “ritual”, chamou de um “grande sistema multifacetado de informações, incorporando múltiplas mídias e sentidos”.

Estes processos cognitivos de percepção e entendimento da paisagem construída são necessariamente compartilhados e culturalmente específicos, dependendo em grande parte da ontologia de cada sociedade em questão, de como elas constroem e organizam seu conhecimento sobre o mundo, os seres e as coisas que nele habitam, suas origens e atributos, e como estes se relacionam entre si. No caso da paisagem construída, podemos falar até em padrões estéticos, na medida em que eles expressam a maneira compartilhada como se percebe, se explica, se lê e se relaciona com esta paisagem.

Um exemplo da relação entre ontologias específicas e a maneira como os espaços construídos são concebidos é a maneira chamada de “analogista” por Philippe Descola, com que sociedades andinas e mesoamericanas correlacionam os espaços do macro e do microcosmo, traçam analogias entre o universo e o homem, entre o plano de uma cidade como Cuzco e o corpo de um animal como o puma (DESCOLA, 2010). Ou ainda, a analogia entre as quatro partes do império Inca Tahuantinsuyo e os quatro cantos das praças públicas quetchua na Bolívia andina, onde cada canto da praça quadrangular se transforma em um altar para a reunificação do cosmos (MOORE, 1996, p. 797).

Nos Andes, esta rede de correspondências analógicas dos espaços, ou das partes dos espaços que compõem um todo, não somente molda a forma com que os espaços públicos são concebidos, mas as ações rituais neles performadas, em que uma vez estabelecido o equilíbrio entre as partes no plano do microcosmo, também o macrocosmo será restabelecido.

Assim, muitos dos espaços públicos rituais serão ocupados por templos ou monumentos cerimoniais, e a relação com o macrocosmo será sempre intermediada por estas estruturas arquitetônicas, gerenciadas pela figura do sacerdote.

De acordo com Descola, este modo analogista das sociedades andinas, contrasta fortemente com o modo animista de outros grupos ameríndios, como os das terras baixas da América do Sul e os da costa Noroeste do Pacífico.

Na etnologia da Amazônia, tanto os estudos sobre o perspectivismo ameríndio por Viveiros de Castro e seus colegas (1996), como os estudos de Descola (2005) sobre as formas animistas com que são mobilizadas as relações entre os indivíduos, e entre os indivíduos e outras entidades, têm servido de elemento crucial para distinguir as sociedades ameríndias da Amazônia e dos Andes.

Na medida em que a etnologia das terras baixas da América do Sul vem documentando de forma cada vez mais detalhada as variedades de ontologias perspectivistas, percebemos cada vez com mais clareza as relações que tanto interessam aos arqueólogos entre estas ontologias, formas de organização social e as configurações espaciais, materiais e visuais em que esta relação é construída.

Na base das ontologias perspectivistas está a idéia de que todos os seres e objetos tem cultura, analogamente aos humanos; mas cada “espécie” tem um corpo com características que lhe é própria e que a faz perceber e utilizar o mundo a sua maneira. Por isso, boa parte das atividades rituais se ocupa em reatualizar características corporais, reforçando assim sua humanidade, ou se comunicando com outros seres, sobrenaturais ou ancestrais, muitas vezes através de seus corpos, materializados, por exemplo, em máscaras, ou de forma virtual através de visões ou sonhos xamânicos.

Portocarrero observa que entre os Bororo, a casa pode ser considerada um ser com vida própria.

Na trama sutil em que se inscreve a casa, o Bâi possui um ciclo antropométrico que poderíamos chamar de transcendental; sendo mais do que uma casa, é como um ser, um ente, no sentido metafísico do termo. Portanto, ela nasce, quando é construída com a nova aldeia; Ela vive, porque é cheia de vida, de gente, de animais e com seu fogo quase sempre aceso; dura enquanto durar o material e, se apodrecerem, as palhas podem ser trocadas. Ela morre, quando é incinerada depois do funeral de um seu morador; um sinal de luto que também é um sistema de higienização (PORTOCARERO, 2001, p. 77-8).

Além disso, podemos considerar as casas como corpos que proporcionam determinadas perspectivas para quem as habita. Na aldeia Bororo, estes corpos são iguais, e apenas a casa dos homens se diferencia em termos da perspectiva que se tem do restante da aldeia.

No centro desta relação entre fabricação do corpo e a reatualização da humanidade, está o espaço onde são performados os rituais, via de regra, no centro da aldeia, na praça central. Algumas sociedades amazônicas, tais quais os Arara concebem a aldeia analogamente ao corpo (TEIXEIRA PINTO, 1993). Neste caso, o centro da aldeia, corresponde à cabeça, enquanto que à periferia da aldeia estão associadas as extremidades dos membros, mãos e pés. Entre os Kayapó, o centro da aldeia circular corresponde ao umbigo, enquanto a parte superior do corpo corresponde à metade oeste da aldeia, e a parte inferior do corpo à metade leste.

Assim como o corpo humano pode ser pensado a partir da circularidade da aldeia, Heckenberger nos mostra que no Alto Xingu, a sociedade como um todo, e a própria história, também é concebida de forma concêntrica.

Durante os rituais, a praça das aldeias se transforma em uma pirâmide virtual de historicidade, se organizando em princípio concêntrico horizontal e verticalmente: o centro (axis-mundi) é o lugar onde são recriados os laços entre os chefes atuais e os chefes ancestrais; quanto mais próximo ao centro, mais próximo se fica dos primeiros ancestrais. É ali que são enterrados os chefes, e é ali que se celebram os ancestrais. O centro da aldeia possui uma dimensão espacial virtual que possibilita a conexão com o passado, através do qual é legitimada e reatualizada a ordem hierárquica da sociedade xinguana.

Toda a espacialidade da praça e da aldeia é explicada não só em termos de uma hierarquização concêntrica, o centro correspondendo a mais antiga ancestralidade, mas categorizando e ordenando as demais relações sociais no tempo e no espaço.

A proximidade de parentesco com os grandes chefes ancestrais, a hierarquização entre velhos e jovens e na ordem de nascimento, a diferenciação entre homens e mulheres, e daí por diante.

A história, ou a temporalidade, é construída de forma não discursiva, mas através da cultura material, da performance ritual e do ambiente construído concentricamente em volta da praça central. A materialidade e a espacialidade dos rituais fazem o passado virar presente e visível enquanto memória cultural. *Plazas are not only models of society and complex mnemonic devices that preserve knowledge of diverse sorts, they are also metaphors of chiefs, or chieftiness* (HECKENBERGER, 2007, p. 302).

As praças são também os nódulos de memória onde os caminhos que ligam as várias aldeias se cruzam. São eixos de conexão para um território de muitos lugares sagrados, bem mais extensos que as comunidades das aldeias.

Estes dados nos fazem voltar às aldeias das tradições ceramistas Uru e Aratu do Brasil Central com novas perspectivas.

Primeiro, do ponto de vista proxemístico, as aldeias circulares diferem das praças quadrangulares andinas, sobretudo no fato de que a relação entre o círculo de casas e a praça central não apresenta um ponto focal dominante, sem demais construções, (à exceção da casa dos homens, quando existente). Isto, no entanto nem sempre assegura que todas as casas tenham exatamente a mesma perspectiva da praça central e do restante da aldeia. Mesmo não havendo diferenças materiais e elementos construtivos, existem sempre estruturas virtuais que agregam casas em clãs, em metades, e outras divisões, assim como existem divisões concêntricas do espaço circular da praça, formando um relevo imaterial de significados simbólicos.

Em segundo lugar, a relação observada entre espaço e memória nas aldeias xinguanas, faz com que, mesmo as praças sendo espaços vazios, elas representem nódulos de memória de sistemas regionais extensos e por isso podem ser consideradas verdadeiros espaços construídos.

Assim, a rápida expansão e proliferação das aldeias circulares Aratu e Uru pelo Brasil Central a partir do século VIII, pode estar mais relacionada a práticas de demarcação e reconfiguração de extensos territórios, construindo rapidamente nódulos de significados de identidade, implantando muitas aldeias de curta permanência, ao

longo de um período de tempo relativamente pequeno, do que propriamente a uma multiplicação de aldeias causada por um grande crescimento populacional e aumento da sedentarização devido a introdução de práticas agrícolas.

O fato de que as aldeias do Brasil Central não apresentem reconfigurações diacrônicas nos seus planos e dimensões, nem estruturas construtivas de maior porte, tais quais montículos, valas ou estradas, parece indicar que estas aldeias seriam de curta permanência, diferenciando-se assim tanto do sistema xinguano de aldeias como das aldeias da Amazônia Central.

Em guisa de conclusão, tudo parece indicar que, apesar das semelhanças físicas formais entre as aldeias das Tradições Uru e Aratu do Brasil Central, as do Alto Xingu, e as da Amazônia Central, a aparente convergência se dissipa perante as evidências de que foram socialmente construídas dentro de dinâmicas temporais e contextos sociais bastante distintos.

THE SOCIAL BUILDING OF PLACES: BACK TO CENTRAL BRAZIL RING VILLAGES

Abstract: This article revises ideas about the meanings of the circular spatial organization of Central Brazilian villages and uses of central plazas as built public spaces. This revision incorporates new data from the Central Amazon on the building of circular villages, as well as ethnoarchaeological data about the Upper Xingu circular villages.

Keywords: Circular villages. Archaeology of Central Brazil, Ritual Spaces, Amerindian cosmologies.

Nota

- 1 loose (and perhaps ephemeral) settlement hierarchies related to different regional arrangements and alliances along a horizontal dimension and not as much as in the classic concentration of power known in vertical hierarchies (WUST; BARRETO, 1999).

Referências

- CLASTRES, Pierre. *La Société contre l'État*. Paris: Editions de Minuit, 1974.
- CROCKER, Jon C. *Vital Souls; Bororo Cosmology, Natural Symbolism, and Shamanism*. Tucson: The University of Arizona Press, 1985.
- DE BLASIS, P. Estudo de Impacto Ambiental: Arqueologia da Área Diretamente Afetada pela UHE Peixe/Tocantins. São Paulo: Documento-Arqueologia SC Ltda, 2002.
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

- DESCOLA, Philippe. *La Fabrique des Images*. Paris: Somogy/ Musée du Quai Branly, 2010.
- EHRENREICH, Robert; CAROLE, Crumley; JANET, Levy. Heterarchy and the Analysis of Complex Societies. Archaeological Papers of the Anthropological American Association, Number 6, Washington DC: SAA, 1995
- GOMES, Denise M.C. The diversity of social forms in pre-colonial Amazonia. *Revista de Arqueologia Americana*, no. 25, p.190-225, 2008.
- HAMBERGER, Klaus. Por uma teoria espacial do parentesco. *Mana*, v. 11, n. 1, p. 55-99, 2005.
- HECKENBERGER, Michael J. *War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu Region of South America, A. D. 1400-2000*. Tese (PhD) - Ann Arbor, University Microfilms, Michigan, 1996.
- HECKENBERGER, Michael J. Manioc agriculture and Sedentism in Amazonia: The Upper Xingu Example. *Antiquity*, n. 72, p. 633-648, 1998.
- HECKENBERGER, Michael J. *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Nova York; Londres: Routledge, 2005.
- HECKENBERGER, Michael J. Xinguano Heroes, Ancestors, and Others: Materializing the Past in Chiefly Bodies, Ritual Space, and Landscape. In: HECKENBERGER, M.; FAUSTO, C. *Time and Memory in Indigenous Amazonia: Anthropological Perspectives*. Gainesville: University Press of Florida, 2007. p. 284-311.
- HECKENBERGER, M.; PETERSEN, J.; NEVES, E. Village Size and Permanence in Amazonia: Two Archaeological Examples from Brazil. *Latin American Antiquity*, 10, p.353-376, 1999.
- HECKENBERGER, M.; PETERSEN, J.; NEVES, E. Of Lost Civilizations and Primitive Tribes, Amazonia: Reply to Meggers. *Latin American Antiquity*, v. 12, n. 3, p.328-333, 2001.
- IRELAND, Emilienne. Chefia e dinâmicas políticas entre os Waurá. Palestra apresentada na 20a Reunião Anual da Associação de Antropologia do Brasil, Salvador. 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude *Race et Histoire*. Paris:UNESCO, 1952.
- MACHADO, Juliana. S. Montículos Artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara, Dissertação (Mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MARTINS, Dilamar. C. A arqueologia de Serra da Mesa. *Revista do Museu Antropológico, Goiânia*, v. 8, n. 1, p. 85-118, 2005.
- MEGERS, Betty. The Continuing quest for Eldorado: Round Two. *Latin American Antiquity*, vol.12, no. 3, p. 304-325, 2001.
- MEGERS, Betty. Natural Versus Anthropogenic Sources of Amazonian Biodiversity: the Continuing Quest for El Dorado. In: BRADSHAW, G.A.; MARQUET, P.A.. *How Landscapes Change*. Berlin: Springer-Verlag, 2003. p.33-48.
- MELATTI, Julio Cesar . Por que a aldeia Krahó é redonda?. Informativo Funai, Brasília, v. 11/12, p. 34-41, 1974. *Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso*.
- MOORE, Jerry. The Archaeology of Plazas and the Proxemics of Ritual: Three Andean Traditions *American Anthropologist, New Series*, v. 98, n. 4, p. 789-802, 1996.

Lago do Limão. Dissertação (Mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORAES, Claide. P. Aldeias Circulares na Amazônia Central: Um contraste entre fase Paredão e fase Guarita. In: PEREIRA, Edith; GUAPINDAIA, Vera. Arqueologia Amazônica 2, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010, p.581-604.

NEVES, Eduardo G. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: Helaine Silvermann; William Isbell. (Org.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p. 359-379.

NOVAES, Silvia Caiuby. As casas na organização do espaço social Bororo. In: NOVAES, S.C. *Habitações Indígenas*. São Paulo: Edusp, 1983. p. 75.

OLIVEIRA, Jorge E.; VIANA, Sibeli. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista da USP*, n°.44, p.142-189, 1999-2000.

PORTOCARRERO, José A. B. *Bái, a casa Bóe: Bái, a casa Bororo Uma história da morada dos índios Bororo*. Dissertação (Mestrado do Instituto de Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

PORTOCARRERO, Ricardo C. Padrões de Assentamento no Sítio Osvaldo, Iranduba, Amazonas. Dissertação (Mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROBRAHN-GONZALEZ, Erika. Os grupos ceramistas do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, no. 6, p.83-121.

ROOSEVELT, Anna C. The development of prehistoric complex societies: Amazonia, a tropical forest. In: BACUS, Elisabeth; LUCERO, Lisa. *Complex polities in the ancient tropical world*. Arlington: Archaeological Papers of the American Anthropological Association, number 9, p 13-34. 1999.

SCHAAN, Denise P. The Camutins chiefdom: rise and development of social complexity on Marajó island, Brazilian Amazon. Tese de PhD, Department of Anthropology, University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2004.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: IAP-Unisinos, 1985.

STEWART, Julian; FARON, L. C. *Native Peoples of South America*. Nova York: McGraw-Hill, 1959.

TEIXEIRA-PINTO, Marnio Relações de Substância e Classificação Social: alguns aspectos da organização social Arara. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, v. 90, p. 169-204, 1993.

TURNER, Terence Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 311-338. 1992.

VIANA, Sibeli Análise espacial intra-sítio: o estudo do sítio Lourenço (GO-CA-14). *Revista de Arqueologia*, no. 9, p.65-87, 1996.

VIANA, Sibeli. A.; BARBOSA, M. O. Algumas Reflexões sobre o aproveitamento acadêmico da arqueologia de contrato. In: I Congresso Internacional da SAB, 2007, FLORIANOPOLIS. Arqueologia Transatlantica/Arqueologia Etnicidade e Território. Florianopolis, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Images of nature and society in Amazonian ethnology. *Annual Review of Anthropology*, no. 25, p.179-200, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica. In: QUEIROZ, R.; NOBRE, R., *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*.. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 79-124. 2008.

WERNER, Dennis. Are some people more equal than others? Status inequality among the Mekranoti Indians of Central Brazil. *Journal of Anthropological Research* , no. 37, p.360-373, 1981.

WERNER, Dennis. Chiefs and presidents: a comparison of leadership traits in the United States and among the Mekranoti-Kaiapó of Central Brazil. *Ethos*, vol. 10, no. 2, p.136-48, 1982.

WÜST, Irmhild. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

WÜST, Irmhild. Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

WÜST, Irmhild. The eastern Bororo from an archaeological perspective. In: ROOSEVELT, Anna. *Amazonian indians from prehistory to present. Anthropological perspectives*. Tucson: University of Arizona Press, p 315-342. 1994.

WÜST, Irmhild; BARRETO, Cristiana. The ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. *Latin American Antiquity* , vol. 10, no. 1, p.1-21, 1999.

WÜST, Irmhild; CARVALHO, Helen B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-oeste brasileiro: a análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, vol.6, no. 47, p.47-81, 1996.